

## Américo, Sarney e a cadeira de baraúna

ORLANDO TEJO

Com o desaparecimento físico de José Américo de Almeida, o grande arauto do nosso romance regionalista, a Cadeira 38, da Academia Brasileira de Letras, que suponho seja feita de baraúna, ganhou, desde ontem, um novo dono. Adequadamente. E este era o meu receio desde que ficou vazia, a mais vazia de quantas já ficaram vazias na trajetória da imortalidade literária. Este não era um receio particular, era uma expectativa de todos os nordestinos que amam a memória imperecível do Mestre de "A Bagaceira".

Era uma questão de medo. Medo de que uma medalhão qualquer se intromettesse, assumisse e se locupletasse da velha Cadeira de baraúna. Alguém que, desprovido do sentimento, da grandeza literária e da envergadura moral exigidos pelo momento, não fosse capaz de assumir a postura da legitimidade imprescindível no processo da sucessão.

Não seria qualquer um o indicado para substituir o Solitário de Tambaú. Haveria de substituí-lo um outro escritor do Nordeste, que tivesse a pujança, a sensibilidade, a estirpe e sobretudo o sentimento maior para uma representação à altura da alma literária regional, porque se trata, a meu ver, de um problema de adequação.

José Sarney, sentou-se ontem, pela primeira vez, na histórica Cadeira de baraúna. Não levou somente o fardão e a espada. Com a responsabilidade de suceder à figura cabalística de José Américo de Almeida, e de representar o berço de Sousandrade, Catulo de Paixão

Cearense e Gonçalves dias, o novo dono da Cadeira 38 chegou na Academia pisan-do firme. Chegou com sua bagagem de inquestionável talento e de reconhecida exuberância moral.

Com vinte anos de idade, Sarney, foi eleito para a Academia Maranhense de Letras, com "A Canção Inicial", seu primeiro remígio do roteiro poético que o levaria à imortalidade brasileira. Ao penetrar, ontem, os umbrais da ABL, ocupando o lugar que pertenceu o outro impoluto nordestino, tornando-se, então, o mais jovem dos acadêmicos, seu matulão ostentava, além da "Canção Inicial", outras canções que conviverão com a História. Gemas literárias que lhe valeram a consagração antes da imortalidade - coisas da dimensão de "Os Maribondos de Fogo" e este impressionante "Norte das Águas", o livro que mais profundamente me surpreendeu nestes últimos dez anos.

José Américo de Almeida, nasceu numa cidadezinha paraibana chamada Areia, foi político e escreveu "A Bagaceira". José Sarney, nasceu numa cidadezinha maranhense chamada Pinheiros, é político e escreveu "Norte das Águas". José Américo pertenceu à Academia Paraibana de Letras. José Sarney pertence à Academia Maranhense de Letras. José Américo é regionalista. Sarney é regionalista. Ambos assentaram-se nas musas. Os dois chamam-se José. E sentaram-se, pelo valor intrínseco, na mesma Cadeira. A Cadeira 38, que, suponho, foi feita de baraúna lavrada de São João do Cariri.



José Sarney ocupando ...



... vazio de José Américo